



Miguel Baltazar

O Observatório sobre Crises e Alternativas do Centro de Estudos Sociais (CES) alertou esta segunda-feira para a possibilidade de os sinais de abrandamento da recessão poderem “ser varridos pelo novo pacote de austeridade” previsto para 2014. No Barómetro de Outubro, intitulado “Batemos no fundo? Estamos a vir à tona”, o observatório refere que os dados do Instituto Nacional de Estatística para os dois primeiros trimestres de 2013 revelam um abrandamento da recessão, “mas não uma inflexão da situação económica portuguesa ou o fim da recessão”.

“Este abrandamento decorre do contributo não do investimento, mas de algumas exportações e, mais moderadamente, do consumo das famílias”, adianta o barómetro. José Castro Caldas, investigador do CES e membro do observatório, afirmou, citado pela Lusa, que os dados demonstram que Portugal ainda está “muito longe de uma inversão” e advertiu que os “sinais de abrandamento [da recessão] podem ser varridos pelo novo pacote de austeridade”.

Para o investigador, prefigura-se no Orçamento do Estado para 2014 “um grande corte nos rendimentos dos reformados e pensionistas e nalgumas despesas do Estado”. Em sua opinião, estas medidas vão

constituir mais um golpe nos orçamentos familiares, “muito directo nos reformados e pensionistas, e mais indirecto no rendimento das famílias, porque tudo o que tem a ver com prestações de cuidados de saúde e educação acaba por se reflectir no orçamento das famílias”.

“Quando o Estado se retrai na provisão dessas áreas, muitas vezes as famílias não têm outro remédio senão deixar de ir ao médico ou à escola, ou então a pagarem esses serviços de outra maneira”, sustentou. Castro Caldas adiantou que “o abrandamento da recessão está muito longe de significar uma inversão do ciclo recessivo”, pelas próprias características do crescimento que se verificou no terceiro trimestre.

Segundo o barómetro, o contributo do investimento para o crescimento do PIB está sobreavaliado nas contas do terceiro trimestre. Já o crescimento registado do primeiro para o segundo trimestre é, sobretudo, atribuível à subida das exportações e não a uma retoma do investimento. Quanto ao emprego, a subida verificou-se sobretudo na agricultura e entre trabalhadores sazonais, trabalhadores por conta própria ou familiares não remunerados no norte e centro.

Abrandamento
[da recessão]
decorre não
do investimento,
mas de algumas
exportações
e, mais
moderadamente,
do consumo
das famílias.

JOSÉ CASTRO CALDAS

Economista e investigador
do Centro de Estudos Sociais